

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Oficinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

A paz americana. — Bom agouro da Terceira Conferencia. — A ratificação da convenção de Haya sobre o principio do arbitramento. — Aspirações e esperanças...

A curiosidade do mundo está focalizada no palacio Monrøe, onde uma primorosa assembléa de homens notaveis, representando o pensamento e as aspirações dos povos do Novo Mundo, está formulando, serenamente, resoluções em que se esboçam as linhas essenciaes da politica americana.

A inauguração da Conferencia foi solemnizada com a venturosa noticia da paz na America Central, pela terminação de uma lucta em que se derramava sangue de irmãos pela raça, pelas crenças, pelos interesses, pelos idéaes, num holocausto esteril, absurdo, á soberania das nações vinculadas por laços que se não puderão quebrar sem prejuizo do seu prestigio, dos seus elementos de vida.

A extincção da violenta controversia, de maneira honrosa para as nações nellas empenhadas, foi um facto precursor do exito das esperanças nos trabalhos da terceira Conferencia, dos anhelos patrioticos de que ella se não limitasse a manifestações sentimentaes, á exhibição de boas intenções que bruxoleam e se apagam ou permanecem no firmamento dos idéaes americanos como indecisas nebulosas da utopia, aguardando a acção consolidadora do tempo,

Depois da segunda Conferencia do Mexico, temos o direito de sair do terreno brumoso dos votos anodinos para o da pratica efficaz, transformando idéas que constituem a concretisação da amadurecida opinião da America em factos, surgindo do generoso sonho para a realidade proficua, convertendo, finalmente, proposições da doutrina acatada e acceita, em fórmulas juridicas obrigatorias, tanto quanto o podem ser pela sanção moral que a civilisação, os sentimentos humanitarios e a nitida noção do bem commum impõem aos povos cultos.

Nada impede a concretisação definitiva das idéas victoriosas nessa tendencia irrepréssivel das nações americanas para os eternos pólos da justiça e do amor. Nenhuma controversia essencial, concernente á soberania e á honra das nações, suscita embaraços aos estadistas cujos nomes estão vinculados ao admiravel trabalho dessa propaganda; nada impede que desçam da atmospheria de abstracções politicas para o fertilissimo terreno de uma

grande refórma social consagrada como a mais bella de suas conquistas do direito internacional americano.

Nós, brasileiros, que reclamamos a honra de ter incluido o arbitramento como rutilante principio nas paginas da nossa lei organica, não entendemos porque se não redúz a tratados o voto unanime de todos os membros da grande familia de nações do Mundo de Colombo; não comprehendemos essa timidez, nem os motivos occultos que a determinam, em colhermos os fructos sazonados da seára plantada pelos nossos antepassados, os fructos dessa arvore da liberdade, virente, frondosa, sagrada pelo nosso sangue, como se repete em imagem tão pictoresca e tão verdadeira.

Os espinhos da estrada detêm mais os propugnadores dessa campanha do que as sérias difficuldades derrocadas; as nugas de melindres ephemeros se transformam em formidaveis abrolhos ao esforço herculeo debellador de tremendos perigos. E nós, assim, hesitamos assustados ante as consequencias necessarias, as consequencias logicas da nossa conquista, quando as deveriamos empolgar num derradeiro lance glorioso.

Todas as nações estão de accordo na acceitação do arbitramento como principio, mas não se comprehende a razão de o discutirem como facto, a razão dessa vacillação que poderia symbolizar inconsistencia de convicções solemnemente manifestadas nas duas Conferencias anteriores.

Dir-se-ia estarmos sob a pressão de um pavor extranho, como si não estivessemos seguros da nossa emancipação e obedecemos á necessidade de consultar as nações mais velhas que em vão procuram alliviar os seus achaques seculares, attenuar as suas tradições de ambição e de odio nos sedativos da Conferencia de Haya.

E' esse, nas suas linhas geraes, o espirito da primeira resolução, votada entre calorosos applausos da terceira Conferencia, ratificando a adhesão das Republicas Americanas ao principio do arbitramento para a solução pacifica das questões entre ellas suscitadas, exprimindo a esperanza de que a proxima Conferencia de Haya celebrará uma convenção geral de arbitramento que possa ser approvada e posta em vigor por todos os paizes.

Dest' arte, nós, povos amigos, sem graves contas a ajustar; nós, povos irmanados pelos interesses, pelas nossas legitimas aspirações de grandeza collectiva, vamos comprometter a nossa sorte nas tramas irreductiveis das velhas dissensões da

politica do velho continente, onde o sublime voto pela paz universal não conseguirá commover o duro coração do deus dos exercitos.

Nós, na America livre, tratamos da consolidação de democracias com perfeita harmonia de intuitos, de leal cooperação civilisadora; lá, no velho continente, os sonhos dos philantropos pretendem conciliar o inconciliavel — a democracia com as dynastias enfraquecidas, obsoletas, sem raizes na alma popular, dynastias inaccessiveis, trancadas nos castellos de tradições incompativeis com as humanitarias idéas do seculo, desconfiando do seu prestigio, de sua capacidade para abandonar as prerogativas do direito divino e governarem como delegações dos povos.

Não se pôdem confundir, sem perigo, posições

diametralmente oppostas, numa solidariedade esteril, como essa das potencias americanas com as potencias europeas, potencias adornadas com os immarcessiveis loureiros da paz em contraste com as formidaveis nações armadas na perspectiva sombria das surpresas do dia de amanhã.

E foi esse, do nosso ponto de vista, o resultado da resolução sobre o arbitramento. Com a unanime adhesão das Americas ao principio do arbitramento, não avançamos um passo do trabalho feito na segunda Conferencia; recuamos de uma realidade proxima, evidente, ao alcance da nossa capacidade, para engrinaldarmos com as nossas aspirações uma esperança muito remota, sinão impossivel.

POJUCAN.

CRIMES SOCIAES

ANARCHISMO E CAPITALISMO

Passada a impressão de pavor, o ultimo attentado começa a tornar-se interessante para os sociologos do crime.

Em verdade, nada ha que discutir, nem do ponto de vista méramente juridico-penal, nem do ponto de vista medico-psychologico, ácerca da pessoa do criminoso. Elle se furtou aos esmiuçamentos e indagações judiarias e doutrinarias, instruindo, com segurança e presteza, o seu processo, e applicando, com severa coragem, a mais definitiva das penas. E si outro benefico resultado não se colheu desse auto-justiçamento, um, desde logo, apparece, a toda a evidencia: fez baixar a fervura dos odios e aplacou as furias da reacção policial, pondo freio momentaneo aos projectos de exemplar vingança.

Para honra deste principio de seculo, convém tambem notar que a consciencia juridica se affirmou, desta feita, mais *humanamente* orientada. Já não se ouviu, por tão largos mezes, — como em 92 e 94 — a grita atroadora dos que atavicamente aspiravam castigar a collectividade proletaria para punir o crime individual...

Vem a proposito, portanto, philosophar um pouco, buscando a significação sociologica desses casos tremendos que tanto abalam os chamados *alicerces do edificio social*.

Para a generalidade dos criminalistas, bem como para muitos representantes da Nova Escola (ou das no-

vas escolas), os attentados anarchistas são verdadeiros «crimes politicos», de natureza identica á dos antigos regicidios.

Nessa confusão se mistura a projecta lição classica do professor Garraud com a doutrina anthropologica do professor Lombroso. Para um e outro mestre, — aliás tão affastados por tantos titulos — é principio de fé que o acto de um Caserio ou de um Luccheni vale o mesmo, perante a Psychologin Criminal, que o acto de um Orsini ou de um Passanante.

Ha, porém, quem tenha entrevisto a indole, a natureza dessa delinquencia especifica do nosso tempo, ligando-a ás causas profundas que a determinam e que a separam, bem caracteristicamente, de tudo quanto nos ensina a psychologia individual dos regicidas. Aproveitemos as observações desses modernos orientadores da sciencia criminologica, fazendo, sem espirito de seita e felizmente livres de suggestões de um meio apavorado, (qual é o da Europa), estudo imparcial de psychologia collectiva.

* *

Nem toda a habil hypocrisia dos economistas á Leroy Beaulieu, nem a declamação democratica dos politicanses profissionaes consegue esconder, aos olhos dos bons observadores, as manifestações e as consequencias da renhida «lucta de classes», que se assignala, neste momento da civilização humana, principalmente no terreno economico.

Nestes tempos de agóra, os domi-

nadores, os *vencedores*, os exploradores, que constituem a *classe superior*, são os que possuem; os dominados, os vencidos, os explorados, que constituem a *classe inferior*, são os que não possuem.

E' o actual equivalente social-economico da velha *lucta das raças*, segundo o conceito de Gumpowicz.

Uma expressão generica serve communmente para designar a classe dominante: é a *burguezia*. Morselli qualificou-a como «classe do dinheiro» ou «classe do capital». O que as aristocracias faziam, nas priscas éras, por direito de conquista e, depois, por direito de nascimento, a burguezia faz hoje. Fórma, segundo observa o citado professor, a grande maioria dos grupos dirigentes.

De facto: organiza o governo, orienta a administração, combina os altos negocios, dispõe dos cargos, de supposta *eleição popular*, introduz-se em toda a parte, maneja os orçamentos e as reservas bancarias, pondo ao serviço dos seus interesses tanto a economia do trabalhador, como a riqueza nacional. Dahi naturalmente deriva o abuso que a burguezia faz da sua força dinheirosa, abuso semelhante ao que a aristocracia fazia do poder.

Enthronisada, assim, politicamente, a burguezia victoriosa tende ao «parasitismo economico», assim como, em outras phases da vida social, foi esse parasitismo que caracterizou os ultimos tempos da dominação theocratica, da dominação guerreira e da dominação aristocratica.

Já em 1856, Proudhon, em um livro

de fina satyra, dava, no parecer de Laschi, a mais perfeita definição da burguezia, quando nol-a mostrava «tomada da febre de especulação e de agiotagem, ávida de concessões, de subvenções, de privilegios, de monopólios, considerando como sua preza a fortuna publica, vendo no imposto uma fonte das suas rendas, e os instrumentos do trabalho nacional como alimentos do seu parisitismo.»

Para bem dizer — accrescenta o citado Luschi — esses males se accentuaram com o decorrer do seculo. Si o regimen capitalistico trouxe — e ninguém as nega — vantagens á economia geral, essas vantagens tem sido duramente pagas.

E, agóra, já se vão reconhecendo os signaes inconfundiveis de um *fim de regimen* social-economico. Annuncia-se, por phenomenos de dissolução, a decadencia moral do capitalismo.

A bancarrota e a fraude, o banditismo politico e financeiro, a trapagem eleitoral para asseguração das posições de mando — são outros tantos factos indicativos dessa dissolução innegavel. A alta criminalidade dos dominadores tomou feição caracteristicamente fraudulenta e revestiu fórmas de requintada ladroice, mal escondida pelas cumplicidades e condescendencias de uma moral acomodaticia.

O *crime bancario*, o *crime financeiro*, o *crime eleitoral*, unidos ás fraudes industriaes e commerciaes de toda ordem, constituem, por toda parte, manifestações constantes da actividade burgueza. A identidade dos factos não encontra estorvos nas diferenças de raças, nem nas distancias que separam os continentes.

A *unidade de consciencia* da classe burgueza imprime o mesmo caracter ao banqueiro francez e ao banqueiro italiano.

Os *Panamás* estouram em Paris e rebentam em Roma; porque, na phrase do insuspeito Molinari, *a moral financeira é mais larga do que o proprio isthmo de Panamá*.

Por isso mesmo, como os exemplos vêem de cima, a estatistica revela a proporção crescente dos delictos fraudulentos.

E, parallelo ao crescimento dessa criminalidade especifica, ahi se nos depara outro phenomeno da crise que

vamos estudando: é o da impunidade em que ficam muitos e muitos crimes, por falta de seguros meios de pesquisa e repressão, ou por vergonhosas protecções dispensadas aos criminosos...

* * *

Guglielmo Ferrero, neste assumpto bem acompanhado por Scipio Sighele, nos ensina que os typos de civilisação que o homem tem creado, até hoje, são dois: — a civilisação typicamente violenta e a typicamente fraudulenta. A lucta pela existencia toma fórmas diferentes em cada uma dessas civilisações. Entretanto, essa distincção theorica não é absoluta, na realidade. No seio de uma mesma sociedade, se misturam caracteres pertencentes aos dois typos de civilisação. E' o que se dá nesse fim do regimen social-economico do capitalismo.

No nosso tempo ahi se manifestam as duas fórmas de criminalidade: a *atavica*, que se exprime pela adopção de meios *violentos*, applicados á pratica de homicidios, roubos, estupro, etc.; e a *evolutiva*, que é egualmente perversa e que o é talvez mais, em intenção, mas que é muito mais cortez nos meios, pois á força e á violencia substitue a astucia e o dolo. A primeira fórma de criminalidade é, no pensar de Sighele, «um detricto hereditario das epochas que precederam á nossa; a segunda fórma é producto da civilisação».

(Aqui poderíamos, com vantagem, adeantar a theoria do joven escriptor com a do seu mestre, Henrique Ferri, quando, entre os criminosos *violentos*, distingue uma classe de individuos que, embóra *anormaes*, refractarios á sociedade actual, são dotados de tendencias progressivas e altruisticas.)

Ao lado dos actos dolosos e fraudulentos da classe afortunada ou do *dinheiro*, que é, ao mesmo tempo, a mais culta, surgem outros **CRIMES SOCIAES**, os *violentos*, praticados pela classe dominada e economicamente vencida, que é quasi inculta.

Coexistem, assim, a criminalidade violenta e a fraudulenta, a da classe que não possui e a da classe que possui. São, como se vê, duas fórmas de «criminalidade collectiva». De uma parte temos os ricos, os burguezes, os abastados, os gozadores da vida, que

aperfeiçoam o furto, o estellionato, a falsidade e a bancarrota, e, por meio da politicagem e das manobras financeiras, dominam o Estado e se apropriam da fortuna publica; de outro lado, temos os pobres, os ignorantes, os necessitados, que, por meio das sedições, dos motins, dos attentados anarchistas, ouzam revoltar-se contra a triste condição que lhes é imposta, e assim protestam contra a immoralidade que vem de cima.

A criminalidade da classe culta e abastada é um phenomeno pathologico, indicando o vicio da organisação social que nos domina, um symptoma que nos adverte de havermos chegado ao termo de um systema ou regimen; a criminalidade da classe baixa póde ser encarada como um annuncio, tambem pathologico, de uma nova tendencia que surge, de uma nova era que está para nascer. Dahi a diferença dos caracteres apresentados por essas duas criminalidades: a da classe burgueza é prudente e circumspecta, cheia de astucia senil; a da classe proletaria é impetuosa e imprudente, assim demonstrando a força da mocidade.

Tendo de luctar com adversarios poderosos, a classe proletaria sente necessidade de buscar compensação, de egualar as forças, empregando meios audaciosos. Seu proceder é identico ao das minorias que pretendem triumphar; sendo certo que, si não constitue minoria pelo numero, está, de facto, nessa posição pelo valor social e pelo elemento economico.

Em duas palavras: os crimes ou attentados anarchistas correspondem, socialmente interpretados, aos crimes bancarios, financeiros e politicos, que são tantos da nossa epocha.

E todos juntos patenteiam a dissolução de um regimen social-economico, constituindo o mais expressivo *signal dos tempos*.

EVARISTO DE MORAES.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispoem de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

A LIVRARIA

«VIAGENS DE GULLIVER». — POR JONATHAN SWIFT. — TRADUÇÃO PORTUGUEZA. — FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA, EDITORES.

Sabe-se que Swift foi o maior ironista que tem tido a Inglaterra, o pae da satyra moderna, principalmente desse genero peculiar ao espirito de sua raça e que ella propria designa pelo nome de *humour*, intraduzível noutro idioma.

De toda a sua obra, no emtanto, o livro que se tornou mais universalizado é este das *Viagens de Gulliver*, principalmente pela primeira parte que nelle se contém, referente á *Viagem a Lilliput*.

A comparação com os lilliputinianos tornou-se hoje um recurso sedição, uma imagem perfeitamente estafada. Mas por isso mesmo a ninguem é licito ignorar a sua origem, como não se pôde deixar de saber de onde veio Pangloss, Monsieur de La Palice e outras coisas quejandas.

No emtanto, a *Viagem a Brobdignac*, a *Viagem á Lapucia* e essa outra *Ao Paiz dos Huynms*, — uma satyra de mordacidade epica, — e que todas se encontram neste volume das *Viagens de Gulliver*, não são menos interessantes do que a que assim foi incorporada ao thezouro anedoctico da nossa epocha.

Todas teem os mesmos caracteristicos que tornaram classica a fabula dos lilliputinianos: embóra no fundo representem a séria opposição dos grandes espiritos á obra da indefectivel pequenez humana, reflectindo as aspirações das naturezas nobres, que o genio representa, ellas estão ao alcance de todas as intelligencias, como o *Don Quichote*, como *Gil Blas*, como *O Candido*, de Voltaire, é certo que pelo seu lado superficial. Fazem rir ás creanças, desenfastiam os velhos, a toda a gente recreiam.

Esta collecção adquiriu hoje em dia quasi que a simples, inoffensiva propriedade das estampas caricaturaes. O maior travor que em si taes produções continham, proveniente da flagrante e acerba allusão aos factos da epocha em que fôram compostas, ás ardorosas polemicas em que o seculo de Swift punha toda a força de sua paixão, esse desapareceu com o tempo, que veio substituir uns preconceitos por outros, no incessante evoluer das coisas humanas.

Deste modo, a sorte que teve a obra de Swift, imposta pela selecção universal, parece representar até certo ponto uma ironia do destino, constituindo-se ao mesmo tempo numa lição de sabedoria aos espiritos em que a nota da intolerancia fale mais alto

do que a proveniente de um justo equilibrio das faculdades humanas.

Este volume das *Viagens de Gulliver*, ora editado em magnifica traducção portugueza pela excellente casa Ferreira & Oliveira, Limitada, de Lisbôa, pertence a uma série de outras obras primas na litteratura universal que a mesma empreza promette ir dando a lume pouco a pouco. E' dessa série o *Dom Quichote*, em 3 volumes, que já se acha publicado.

A edição das *Viagens* vem ornada de trinta illustrações, bôas, pôde-se dizer, para uma obra que se destina a grande vulgarisação.

* *

«O DESTINO», PEÇA EM 4 ACTOS, POR JOSÉ PIZA E ARTHUR GUIMARÃES. — LISBÔA. — TYPOGRAPHIA A EDITORA.

Peças de theatro em theatro devem ser julgadas, principalmente quando não se tenha grande pratica do genero, como a mim me acontece, por exemplo.

Por isso mesmo, a impressão que este drama dos srs. José Piza e Arthur Guimarães me proporcionou numa rapida leitura pôde não ser nada parecida com a que a gente mais habilitada receba.

Pareceu-me que *O Destino* nem se caracteriza por uma concepção superior e uma fina contextura, como as obras dos grandes mestres, nem tem as qualidades mais prestigiosas do dramalhão. Só ha um unico tiro em toda a peça, e esse não se chega a ouvir; quando sobe o panno para o 4º acto, já a tragedia teve o seu desfecho com o suicidio do personagem central. Enchem-se as scenas desse acto ultimo apenas com uma discussão sobre a sepultura em que se ha de enterrar o martyr da honra que acaba de succumbir, questão, aliás, justificada pelo seu fundo, mas que não me pareceu sufficiente para levar ás lagrimas o auditorio, ao menos no aranco final.

Digo isso porque, ao meu vêr, em parte alguma da peça armaram-se sufficientes efeitos para produzir no espectador o que se chama uma forte emoção.

Em todo caso, como já disse, pôde ser que eu me engane; si o drama já foi á scena, os que assistiram ao espectáculo estão habilitados a melhor informar.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

APANHADOS

Um romance religioso sensacional

Sob esta epigraphe se lê em uma revista estrangeira, a proposito

do livro de Fogazzaro.

«Poucas obras teem excitado interesse e provocado discussão como o ultimo romance de Antonio Fogazzaro, *Il Santo*. O auctor já conhecido pelos dois livros *Malombra* e *Daniel Cortis*, é um dos chefes do movimento catholico liberal na Italia. Suas idéas agóra se manifestam com muitissima nitidez. O racionalista catholico, que quer a refórma da Egreja, o padre idealista d. Clemente, obrigado ao silencio por seu abbade, emfim, o personagem, o Santo, Benedicto, asceta leigo para quem a religião é principalmente a perfeição moral, todas estas tres figuras tomam attitudes diversas, mas não contradictorias, no espirito do catholico que sente que a egreja romana atravessa actualmente uma crise e deseja, sem hieresia e sem schisma, auxiliar-a a encontrar o caminho que não a conduza ao abysmo.

Roma poz o livro no Index; o auctor submetten-se a Roma, e esta submissão valeu-lhe a accusação da estudiantada e da imprensa, que o apontaram como covarde. A opposição e a condemnação deste romance em uma epocha em que o papa censura a pastoral de Bonomelli, o respeitavel bispo de Cremona, que se mostrou favoravel á separação da Egreja e do Estado em Italia; no tempo em que se desenvolve actividade nas questões Loisy e Hbutin; no tempo em que se prepara um novo *Syllabus* e em que a historia torna mais suspeitas as afirmações biblicas; no tempo em que é bem acolhida a intervenção dos catholicos francezes, em tal tempo, não pôde deixar de preoccupar os centros religiosos de Italia e do estrangeiro. A *Revista de Italia* mostra, com certa independencia, que é o sentimento religioso em seu estado puro, desprendido da hierarchia e da Egreja, que fez — quer queira ou não o auctor — nascer o grande interesse pelo livro. A *Rassegna Nazionale*, importante revista catholica liberal, pouco favoravel aos jesuitas e ás medidas de entorpecimento intellectual, procura conciliar a admiração pelo livro com o respeito pela condemnação.

ção papal e, nos artigos que consagra ao *Santo* e á obra de Fogazzaro, tem o romance como o mais edificante mas não, o melhor produzido pelo auctor — *Die Warte*, de Munich, se refere ao livro, e *Das Hochland* começou a transcrevel-o, fazendo, depois, uma tiragem em folha suplementar para que apenas lêssem o romance ás pessôas auctorizadas á leitura dos livros prohibidos. Na *The Fortnightly Review*, Crawford, catholico, estuda o romance nos pontos de vista litterario e moral. Sem abordar a questão de saber si *Benedicto* é realmente um santo (a *Rassegna* diz sim, a *Civiltà Cattolica* dos jesuitas, diz não) elle põe em relevo o que o personagem tem de admiravel e humano. Louva o auctor por ter indicado, (e com que reserva!) os principaes vicios da actual egreja romana.

Não será por falta de alvitres esclarecidos de seus maiores fieis que a Egreja deixará de corrigir os seus erros.

* *

O tumulo de S. Pedro offerece actualmente assumpto para discussões. O archeologo italiano Marcello Pietrevecchie, dirigindo-se respeitosaente ao papa, fez notar ao chefe da egreja que é urgente e necessario resolver o velho assumpto, outra vez em ordem do dia. Lembra que a egreja de S. Pedro foi edificada sobre a basilica do imperador Constantino, a qual havia sido levantada, onze seculos antes, sobre o tumulo do Apostolo, e visitada pelos peregrinos christãos que demandam o logar onde repouzam os restos do Santo Pescador. «Ora é justo, é christão, pergunta o archeologo, e corresponde aos principios de nossa religião, considerar como tumulo do apostolo um logar onde se duvida que existam os venerandos despojos?»

Os archeologos teem, por vezes, examinado a *Arca* e concluíram que alli não existem os pretendidos restos que se crêem conservados.

«E' preciso, conclúe o auctor da carta ao papa, que s. s. ponha termo a este escandalo. Cabe-lhe eliminar da religião tudo o que não é absolutamente verdadeiro, porque toda a duvida em coisas santas é prejudicial e quando essa duvida fica justificada, a

consequencia dessa prova é um perigo extraordinario.»

* *

Viagem extraordinaria O prof. E. Gauthier, da Escola de Lettras, de Argel, chegou ultimamente a Paris, depois de ter effectuado uma das viagens mais notaveis que se conhecem de exploradores celebres. Em menos de seis mezes, conseguiu atravessar, com dois companheiros e sem uma arma sequer, todo o deserto do Sahara, desde Oran até o Senegal.

* *

Conferencia de Haya e Congresso Pan-Americano O governo hollandez váe fazer na proxima Conferencia uma declaração importante que é preciso tornar conhecida. Elle requer que todos os Estados não representados na primeira Conferencia da Paz, em Haya, mediante um simples pedido, sejam considerados como adherentes á convenção relativa á solução pacifica dos litigios internacionaes.

Esta addição ao protocollo da proxima reunião dos Estados civilizados dará a todas as republicas da America do Sul voto deliberativo. O Equador já enviou a sua adhesão e designou os delegados.

Ora, como no Congresso Pan-Americano, no Rio de Janeiro, um projecto de arbitragem permanente e obrigatoria, sustentado pela Republica Argentina, será provavelmente adoptado, todos os paizes do Novo Mundo, submettidos, assim, á paz perpetua, vão ao Conselho de Amphycionico, de Haya, dar á Europa uma lição de mestre, e se esforçarão por fazer prevalecer os mesmos principios de justiça no antigo continente.

* *

O trigo combustivel Provavelmente, o unico caso conhecido do emprego do trigo como combustivel, é o do vapor de carga *Couldson*, que fazia a travessia de Yokohama a Portland, nos Estados Unidos, quando se esgotou a provisão de carvão que trazia. Para poder chegar ao porto mais proximo, o capitão do navio mandou alimentar as caldeiras com trigo e gastou para isso 5.000 saccos desse cereal.

Eduardo VII O rei Eduardo, de Inglaterra, uza constantemente no pulso esquerdo um bracelete de ouro que pertenceu ao mallogrado imperador Maximiliano, e de cujo cadaver foi retirado logo depois da sua execução.

* *

Nietzsche slavo Nietzsche sempre se orgulhava de ser slavo; acreditava-se, até aqui, que isto era uma simples excentricidade da sua parte. Agóra, o sr. Bernard Scharlitt acaba de provar que esta idéa era absolutamente exacta. O genealogista polaco Niesiecki fez o historico duma familia nobre, de nome Nicki, estabelecida, no seculo XVII, na provincia de Plock; um dos membros dessa familia emigrou para a Prussia. Os sinetes conservados religiosamente pelos Nietzsche traziam as mesmas armas que os dos Nicki.

* *

Festas no Danubio Em Galatz, as festas do cincoentenario da criação da commissão européa do Danubio, instituida pelo tratado de Paris, em 1856, são a prova evidente da possibilidade da continuação duma acção commum de grandes povos colligados por um plano de civilisação.

Graças aos esforços intelligentes e perseverantes desta commissão, a embocadura do Danubio, outr'ora cheia de lama, um canal perigoso de 9 pés de fundo foi convertido numa passagem de 20 pés de profundidade. Sulina tornou-se um grande porto, a tonelagem dos navios dobrou e o trafico está dez vezes maior.

* *

Um livro interessante *Jerusalém fala...* é o titulo dum livro de Fanny Emeric. São impressões de Jerusalém, mas impressões inteiramente Moraes. Esta não é a unica nem a menor surpresa que esse livro estranho encerra. Elle todo é composto de impressões fragmentarias, voluntariamente enfileiradas em curtos paragraphos. Si se quizer descobrir o espirito geral da obra, dir-se-á que é um livro de tendencias anti-religiosas, ou, melhor, anti-doutrinarias.

Jerusalém fala. Do alto das suas torres e muralhas estragadas pelo

tempo, ella proclama a bancarrota das religiões que teem impressionado o homem.

Interessante, por isto que é pouco banal, é a revista dos grandes reformadores da humanidade que Edouard Shuré chama os «grandes iniciados»: Moysés, o «poderoso *mi-seur-en-scène* duma comedia titanica»; Buddha, Confucio, Zarathustra, Solon, Pythagoras, Socrates, que «encarna a mascula philosophia do homem forte», até ao christianismo, que «nos acalentou com uma terna e monotona cantilena», pois Jesus quiz vencer o orgulho, «esta columna vertebral do sêr moral», prégando a humilhação. O christianismo quiz «desarranjar a agulha da bussola humana». E de Deus, que diz esse curioso livro? Unicamente esse periodo terrível: «Deus é a projecção, lanterna magica, do homem no desconhecido.»

* *

Frio artificial Distribúe-se em domicilio o frio artificial, nos Estados Unidos em diversas cidades dos Estados Unidos, Nova York, Boston, S. Luiz, Denver, Baltimore, etc., para refrescar os aposentos durante os calores excessivos.

Emprega-se para esta distribuição ammoniaco detido em tubos de canalisação, cujo percurso attinge, ás vezes, até 27 kilometros. As canalisações são dispostas em conductos de barro vitrificado. O systema é muitos simples e menos complicado que o de estufas de refrigeração, que se tem ensaiado, ultimamente na Europa, com pouco successo.

* *

O banho dos japonezes Nenhum japonês se banha em agua fria, mesmo que se dedique a exercicios athleticos. Toma sempre o seu banho de agua quente, porque acredita que o banho frio é perigoso para a saúde e não fortalece o organismo. Quando os japonezes se lavam ao ar livre, fazem-no sempre depois que o sol tenha aquecido a agua onde elles se vão banhar.

* *

Viagem em canoa Gustav Nordin, sueco e emulo do commandante Astorga, conseguiu transpôr,

em canôa, a distancia que separa Paris de Stockolmo. Durante a sua viagem, se alimentou unicamente de maçãs, leite, pão e agua.

* *

A ultima originalidade *yankee* *Varias* consiste na formação dum club cujos socios se compromettem, formalmente, a não dormir sinão quatro horas por dia.

*

A unica mulher que possui o gráu de almirante é a rainha da Grecia. Esse posto honorifico foi concedido pelo pae do actual czar da Russia.

*

A população do imperio japonês augmenta á razão de meio milhão de individuos, annualmente.

*

Segundo estatistica recente, a quantidade total de ouro extraído no mundo inteiro alcança 2 milhões de francos por anno.

*

No Ceará, a idéa de uma estatua a d. Pedro II tem tido uma grande acceitação. A subscrição já está em 6.169\$100. Como por lá se diz, esse facto significa um protesto — muito mal entendido, aliás — á maneira como naquelle Estado se tem praticado o regimen republicano.



O ALMIRANTE (92)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIX

Oscar não ouzava acreditar nessa resolução que lhe descortinava perspectiva favoravel ás suas esperanças encerradas no compromisso de honra, a palavra dada a Hortencia de aguardar resignado a terminação daquelle tantalico supplicio. O olhar delle, olhar penetrante, habituado a sondar as immensidades do céu e do mar, o mysterio das noites tormentosas e os segredos do perfido firmamento, adquirira um permanente tom de supplica serena, por vezes interrompida por fugitivas scentelhas de volupia, que elle com immenso esforço reprimia, como assomos de paixão criminosa, cobarde, profanando a pureza daquella creatura adorada, o seu idolo, a sua aspiração definitiva.

—E' verdade que consentes nessa viagem? — perguntou elle, a transbordar de alegria.

—Farei o que quizeres, obedecerei ao meu dever de mulher—respondeu-lhe Hortencia, esquivando-se ao insistente olhar do marido.

—Eu não te quero pelo dever,

quero-te pelo amor, minha querida Hortencia, — exclamou elle, vivamente, tomando-lhe as mãos — sem constrangimento, sem sacrificio.

—O dever e o amor — apartou a marquezia, afastando-se discretamente — se conciliam admiravelmente.

—Ouviste?—continuou elle, cada vez mais vehemente, percebendo que Hortencia se debatia quasi vencida, sentindo faltar-lhe o apoio da resolução abalada—O amor e o dever se harmonizam; o coração e a razão se podem conciliar num affecto duradouro que nos confundirá numa ventura sem par, identificando as nossas almas, o nosso destino.

O coração de Oscar se derramava delido em ternura nos seus labios, em phrases calidas de penetrante eloquencia, sincera, que repercutia nos attonitos onvidos de Hortencia como os accordes de uma harmonia nova, modulada em mysticos tons de uma suavidade encantadora. Elle sentiu-lhe as mãos delicadas esfriarem tremulas e tentava aquecel-as ao abraçamento das suas. E á proporção que falava, foi conduzindo lentamente a mulher, que o acompanhava sem resistencia, a marchar num deslize de automato, na direcção da brenha do Paraizo, onde murmurava a fonte o incessante lamento de uma saudade inconsolavel. Por entre as urzes asperas, naquelle recanto selvatico, apparecia a figura sinistra do anjo de marmore, brandindo a espada flammejante, numa petrificada attitude de ameaça.

Hortencia recuou espavorida, rubra de pêjo, e abrigou-se ao seio de Oscar.

—Leva-me daqui—murmurou ella, supplicante — Tenho medo... Por piedade: leva-me daqui.

Seus braços hirtos cercaram num violento aperto o collo de Oscar, que sentia, de encontro ao peito, palpitar o coração de Hortencia, numa agitação precipitada de passaro medroso.

—Não tenhas receio, minha adorada,—murmurou elle, no estertor de uma ancia indomavel—Eu te amo...

—Deixa-me... deixa-me—repetia ella, num dolente queixume.

E' cego de paixão, insensivel ás urzes que lhe rasgavam o fato, elle foi penetrando na brenha emmaranhada, quebrando os galhos seccos, immergindo na ramagem virente a salpical-o de gottas do orvalho da noite, levando Hortencia, arrebatando-a, como si se transformasse em féra, conduzindo a preza para o cerrado do bosque, sem lhe ouvir as supplicas, os frageis gemidos, gemidos sem dôr de mulher vencida.

Libertados do obstaculo de cipós, contorcidos em caprichosas roscas, de arbustos entretrecidos na exuberancia do abandono, elles se acharam na cla-

reira formada em torno do pavilhão em ruínas, as faiçãs do telhado desdentadas, invadidas por uma absorvente multidão de parasitas, que, durante tantos annos, haviam subido pelas columnas, occupado as paredes, occultando a alvenaria, marcada de chagas do reboco, desprendido sob uma avelludada camada de folhas e de flôres. O ladrilho de marmore estava tapetado de folhas mortas, os residuos de muitas estações formando uma alcatifa espessa e humida. Num recanto escuro, borbuhava a fonte emergindo aos soluços de um buraco forrado de limo verde. Raios de sol, traspassando o tecto de follhagem, marcavam no chão discos luminosos. Uma emanação de relva fecunda saturava o ambiente sombrio.

Hortencia, extenuada daquelle violento lance, deixou-se tombar sobre o banco em que o marquez de Uberaba exalára o derradeiro suspiro.

Quando Hortencia regressou ao *chatô*, evitando ser percebida pelos creados, pelos empregados das cavalariças e da chacara, desprendeuse do braço de Oscar, que lhe cobria de beijos as faces rubras. Subindo ao sobrado, fechou-se no quarto, tirou de uma gaveta secreta da escrivaninha de laca a carta de Sergio, beijou-a repetidas vezes, releu-a, orvalhando-a de pranto, e respondeu-lhe :

Sergio—Não mereço o sacrificio de interromper a sua carreira, de abandonar as suas aspirações. Peço-lhe que volte á Constituinte, trabalhe pela gloria do seu nome, do nosso paiz. Eu pedirei a Deus que o proteja e corôe todos os seus esforços. Não queira mal, nem olvide a sua amiguinha...

—HORTENCIA.

Relida essa resposta, ella accendeu a véla para lacrar o envelope.

Ouvindo-lhe os soluços, Oscar bateu levemente a porta. Hortencia estremeceu surprehendida e abriu immediatamente, sem hesitação.

— Lagrimas ? ! — exclamou elle.

— Serão talvez as minhas derradeiras lagrimas — respondeu-lhe ella — Fecha esta carta e manda-a ao correio.

Oscar obedeceu e, ao mesmo tempo, na chamma que inflammava o lacre vermelho, Hortencia, com um gesto firme, queimou a carta de Sergio.

— Está tudo acabado — murmurou ella, ao marido, attonito — Estas cinzas representam as minhas illusões de moça.

(Continúa).

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes» deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

Conferencias Pan-Americanas

REMINISCENCIAS DA SEGUNDA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA. O ARBITRAMENTO

Controversias existentes entre algumas Republicas, que deviam concorrer á Conferencia do Mexico, crearam difficuldades á organisação do programma, no thema relativo ao arbitramento, formulando-o de maneira a evitar a discussão do merecimento de questões fóra dos poderes dos delegados e satisfazendo os interessados na materia controvertida. Nisso consistiu o trabalho dos representantes das Republicas americanas antes da reunião da Conferencia.

Essa difficuldade se tornou mais accentuada quando se encetaram os trabalhos, porque, muito embóra ella augmentasse o interesse da discussão e dos resultados esperados do arbitramento, poderia arriscar o exito da Conferencia. Era indispensavel evitar vehementes debates que não poderiam influir na mudança de opinião dos delegados, e provocariam conflictos de idéas que só poderiam ser nocivos ás aspirações communs. Combinou-se, por isso, que a discussão do assumpto ficasse confiada a uma commissão composta de dezoito membros, um de cada uma das dezenove delegações.

A essa commissão fóram remettidos todos os projectos concernentes ao arbitramento, entre os quaes figura um, de importante merecimento, organiado pela delegação do Mexico, como base de um plano geral.

Verificou-se nas primeiras reuniões da commissão que esta era muito numerosa para cuidar satisfactoriamente do assumpto, assim como que a idéa de limitar a discussão não produziria os desejados effeitos, desde que, pelo regulamento da Conferencia, poderiam assistir ás sessões da commissão, as ques se tornariam publicas e poderiam passar ao dominio da imprensa. Resolveu-se, então, por proposta do delegado dos Estados-Unidos, a formação de uma sub-commissão composta de 7 membros, encarregada de organizar o relatório, que deveria ser submettido á deliberação da commissão completa. Tomaram parte na sub-commissão os

srs. Buchanan, delegado dos Estados-Unidos; Bermejo, da Republica Argentina; José Hygino, do Brazil; Blest Gana, do Chile; Lazo Arriaga, de Guatemala; Pardo, do Mexico; Alzamora, do Perú.

Não houve difficuldade em obter um relatório unanime em favor do arbitramento como principio; mas as opiniões se dividiram quanto á extensão que se deveria dar á applicação desse principio. Sobre isto havia, na Conferencia, tres opiniões :

— Arbitramento compulsorio, incluindo todas as questões pendentes ou futuras que não interessassem a independencia ou a honra nacional;

— Arbitramento compulsorio sómente para as questões futuras e definindo as questões excluidas;

— Arbitramento facultativo ou voluntario nos termos da convenção de Haya.

O sr. Buchanan, delegado dos Estados-Unidos, era de parecer que se assignasse um protocollo ratificando a convenção, assignada em Haya a 29 de julho de 1899, para a solução pacifica das disputas internacionaes, encarregando-se de o promover o governo dos Estados-Unidos e o do Mexico.

Não obstante a proposta de serem as negociações confiadas ao governo do Mexico para conseguir, o mais breve possivel, a approvação unanime das Republicas ao arbitramento compulsorio, esse plano encontrou, ao principio, vehemente opposição dos partidarios daquelle fórmula de arbitramento, os quaes insistiam sobre um reconhecimento distincto do principio, objecto da contenda. Elles reconheceraam que o plano deveria ser dividido para satisfazer os defensores das duas fórmulas acima mencionadas, uma vez que nações desejosas de subscreverem um tratado de arbitramento compulsorio exigiriam que elle contivesse excepções tão vastas que o tornariam puramente voluntario. Por outro lado, essa fórmula de tratado não satisfaria os advogados do arbitramento sem restricções, excluindo assim a unanimidade desejada.

Suggeriu-se, afinal, o plano de assignarem todas as delegações o protocollo de adhesão á convenção de Haya, como fóra indicado pelos Estados

Unidos da America, e que os advogados do arbitramento compulsorio assignassem, entre si, um projecto de tratado obrigando os respectivos governos a submeterem ao tribunal permanente de Haya todas as questões, existentes ou futuras, que não mehindrassem a independencia e a honra nacionaes. O protocollo, como o tratado, seria levado á Conferencia incorporado nas actas sem debate, e enviados ao ministro das relações exteriores do Mexico para serem authenticados e transmittidos aos diversos governos signatarios.

Após prolongadas negociações, esse plano foi adoptado e executado conforme fôra resolvido por todas as delegações, exceptuadas as do Chile e Equador que assignaram o protocollo de adhesão á convenção de Haya antes de submeterem á Conferencia.

O projecto de tratado compulsorio foi assignado pela Republica Argentina, Bolivia, S. Domingos, Salvador, Guatemala, Mexico, Paraguay, Perú, Uruguay e Venezuela.

* *

Com esse plano, a Conferencia attin-giu os mais altos fins possiveis, e, pela primeira vez, cada uma das Republicas Americanas tomou o seu lugar a par dos outros paizes do mundo em favor do arbitramento internacional. Ainda mais: o voto unanime de 19 republicas pela convenção de Haya, caracterizou uma decidida manifestação dos governos de todo o mundo civilizados em favor da paz.

Além disso, a Conferencia acceitou as tres convenções de Haya como principios de direito internacional americano e pediu ao presidente da Republica do Mexico entrasse em negociações com os diversos governos americanos para obter a mais ampla applicação do arbitramento.

No sentido da solução pacifica das controversias internacionaes, foi adoptado e assignado por todas as nações representadas na Conferencia um projecto de tratado arbitramento das reclamações pecuniarias, pelo qual ellas se obrigavam, por um periodo de cinco annos, a submeter ao tribunal de Haya todas as reclamações pecuniarias por perdas e danos dos respectivos cidadãos e que não pudessem

ser resolvidas pelos meios diplomaticos, quando taes reclamações fôsem bastante importantes para cobrirem as despesas do arbitramento.

Na fôrma do art. 21 da convenção de Haya, uma jurisdicção especial seria organizada, si as partes litigantes a preferissem, sendo estipulada, em tratado especial, a fôrma do processo.

Essas resoluções fôram consideradas um grande triumpho obtido nessa delicada materia do arbitramento.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A medicina egypcia—Remedios caseiros de 1.500 annos antes da era christã—As excavações do professor Reissner.

Nas excavações feitas na aldeia de Deir el Bachari, no sitio da famosa Thebas, o professor Reissner descobriu um manuscripto em papyro, recentemente editado nas publicações da Universidade da California e que, adicionadas aos documentos antes publicados, augmentam alguns dados importantes e curiosos aos nossos conhecimentos sobre a medicina egypcia, que era uma sciencia muito estimada e honrosa.

Os medicos, numerosos segundo Homero, eram especializados, occupando-se do tratamento de algum orgão, havendo, assim, medicos que tratavam somente dos olhos, outros do ventre, da cabeça, do estomago, com mais restricção do que os nossos especialistas actuaes.

A origem das molestias era attribuida a espectros, a espiritos malfazejos, que penetravam o corpo do homem, e a cura completa só poderia ser obtida pelo emprego de fórmulas magicas ou pela intervenção de um exorcista, não excluindo do tratamento uma therapeutica consistindo, quasi totalmente, em remedios caseiros, productos mais ou menos naturaes que a observação indicára empiricamente como efficazes, — vegetaes, mineraes magicos ou não, carne viva, coração, figado, fel, pello ou corno de veado, leite de mulher, miolo de tartaruga, etc.

A invenção desses remedios, que o fetichismo conservou, através de muitos seculos, nos costumes de todos os povos, era attribuida aos deuses ou aos reis das antigas dynastias.

A maior parte desses remedios empiricos era, com effeito, efficaz, e os conhecimentos dos egypcios eram muitos adeantados sobre certos assumptos; elles conheciam a circulação do

sangue, de novo achada, na Europa, no seculo XVI, por Michel Servet.

O mais curioso é que esses documentos remontam a epocha muito anterior á dos medicos gregos, uma vez que elle datam da XVIII dynastia; isto é, de 1.500 annos antes da era christã, no tempo da maior florescencia e poder do dominio thebano.

* *

O flagello das moscas — Vehiculos de germens e de contagio — Meios de destruil-as—Algumas considerações.

Quando se cuida com tanto empenho de hygiene, de antisepticos, de esterilisação, de filtros e de muitas outras coisas mais ou menos complicadas, deve-se considerar que as moscas, do ponto de vista sanitario, são um verdadeiro flagello. Não se deve tratar somente de perseguil-as porque nos importunam durante os dias quentes, por sujarem as molduras douradas dos nossos quadros, a pintura das nossas casas, por atormentarem os nossos cavallos; é indispensavel destruil-as porque ellas propagam com as picadas e, sobretudo, com o seu contacto, as mais variadas molestias.

A mosca, si bem que graciosa com as suas patas delicadas em constante movimento, com seus engraçados movimentos para limpar a cabeça e lavar as mãos, é um animal essencialmente sujo: tanto pouza sobre a nossa meza, a nossa comida como sobre as coisas mais nojentas, e, antes de nos visitar, passeia sobre o rosto e as mãos de um doente. Esses detalhes, por serem repugnantes, não são menos dignos de ser rememorados para que comprehendamos o perigo dessas companheiras do homem. O unico meio de evitar a sua função de vehiculos de germens e de contagio é destruil-as implacavelmente.

Uma só mosca, durante os mezes de sua vida normal, põe milhões de ovos, donde saem outros milhões de moscas que se alistam nas legiões da obra perniciososa de suas congengeres e, como não é possivel dar caça efficaz ao insecto adulto, o melhor meio de extirpal-as é atacar-lhes os ovos e as larvas. Ellas depositam os ovos em pacotes, nos exgottos, nas fossas, nos conductos d'aguas servidas, nos montes de estrume: é sobre esses sitios preferidos que se devem lançar substancias destruidoras dos ovos e das larvas.

Verificou-se que uma mistura d'agua e de oleo de schisto bruto, producto muito barato, fôrma nos sitios povoados de ovos de moscas uma camada impermeavel ao ar, permittindo assim inutilisal-os ou matar as larvas que contiverem. Além disso, as moscas evitam esse oleo.

As moscas, como todas as coisas creadas, teem o seu papel util: contribuem para a absorpção das materias em decomposição que abandonamos por toda a parte, mas não é difficil burlar os deleterios effeitos dessa função, preservando a nossa saúde.

**

Tres aneurismas curados pela medicação hypotensiva. — Comunicação á Academia de Medicina de Paris.

O dr. Huchard communicou a Academia de Medicina de Paris a cura de tres aneurismas pela medicação hypotensiva.

Tratava-se de um aneurisma da arteria sub-clave esquerda; de outra, interessando o tronco brachio-cephalico e a aorta; a terceira, situada na porção transversa e para baixo da aorta thoraxica. Os tres enfermos restabeleceram-se com o emprego prolongado de medicação para diminuir a tensão arterial, ajudada pelo repouso absoluto, regimen alimentar, e medicamentos hypotensores — trinitrina, tetranitrol, nitrato de soda, iodureto.

**

Preventivo da syphilis. — Fricções de calomelanos. — Experiencias em macacos. — Comunicação de Metchnikoff.

Metchnikoff e Roux communicaram á mesma Academia o resultado de suas experiencias, demonstrando que a inoculação do virus syphilitico é inoffensiva mediante certas precauções preliminares. Uma série de investigações no macaco tornou evidente que uma applicação de pomada de calomelanos, num prazo de uma a dezoito horas depois da inoculação, impede o desenvolvimento ulterior de qualquer accidente syphilitico.

Os sabios acima citados fizeram tambem experiencias no homem. Um estud ante de medicina indemne de syphilis hereditaria ou adquirida, submetten-se voluntariamente a essa prova. A fricção de calomelanos 10 grs. para 30 grs. de lanolina, foi feita uma hora depois da inoculação, durante cinco minutos, não apparecendo accidente para a pelle nem para as mucosas, nem para o lado das visceras ou dos ganglios. O mesmo aconteceu ao macaco, tratado nas mesmas condições, ao passo que outro desses animaes, friccionado vinte horas depois da inoculação, apresentou, ao cabo de 39 dias, um accidente primario.

Essas experiencias estabeleceram que a pomada de calomelanos poderá

ser utilizado no futuro de maneira preventiva, com a condição de ser applicada no espaço de 20 horas entre a inoculação e a fricção.

**

Natureza e sociedade. — Applicação do ponto de vista finalista aos phenomenos sociaes. — Algumas considerações.

O dr. Jankelevitch, em um curioso opusculo, procurou mostrar que o phenomeno social, submettido como phenomeno natural á lei geral da casualidade, se differençava, todavia, dos outros, puramente naturaes, pela circumstancia de representarem um facto humano *sui generis*, realisando fins em que os homens manifestam sua opposição ao jugo cego das forças da natureza.

O homem introdúz, evidentemente, uma certa finalidade na natureza, mas essa finalidade, que o transformismo teria feito penetrar toda a natureza organizada, emquanto o sêr tende a perseverar no seu sêr, e como fim immanente á sua existencia prosegue a continuação desta; essa finalidade, que se poderia considerar illusoria, não manifestando, nos sêres inferiores, mais do que o resultado de phenomenos felizes; essa finalidade, em summa, sómente apparece no homem para o differenciar do resto do mundo, como o dr. Jankelevitch o indica erradamente; todo o animal, que póde ter representações, apresenta uma actividade finalista. As imagens dos acontecimentos possiveis no futuro, fundadas sobre o conhecimento do passado e a convicção da identidade dos phenomenos no tempo, agem sobre a realisação desse futuro e o modificam. A representação de pancadas no cão póde impedil-o de estrangular um pato: essa abstenção é regida pela finalidade.

O phenomeno social, do ponto de vista humano, não seria finalista; sel-o-ia o phenomeno psychico em toda a série animal. A psychologia, integrando, nas leis geraes da natureza, ou explicando pela casualidade os phenomenos psicologicos, as associações diversas, inclusive os raciocinios, que são os factores directos das acções humanas, mostrou que a finalidade psychica, remontando-se directamente á casualidade por imagens

do passado, adquiria o valor de representações antecipadas dos acontecimentos futuros possiveis.

Os phenomenos psychicos integram-se, portanto, na série de phenomenos naturaes e, por consequencia, tambem nos phenomenos humanos e sociaes sendo a distincção de Jankelevitch, apenas apparente, sem fundamento solido.

Além disso, não se póde afirmar que o homem se opponha ao jogo das forças da natureza, póde modificá-lo em um sentido, cujos effeitos se lhe representam de antemão, mas sómente realiza essa modificação, intervindo elle proprio como uma dessas forças naturaes, tendo apenas um caracter que lhe é peculiar — a consciencia. Poderia aqui parar toda a dissertação, porque o pensamento não chega a concepções fecundas e se não poderia lançar, actualmente, sinão nos sonhos metaphysicos. Não temos, entretanto, o direito de afirmar que o problema seja puramente humano, mas um problema biologico, uma vez que nenhuma razão scientifica existe para crermos que somos conscientes e que não o é o nosso cão.

Em nome da continuidade, somos obrigados a admittir que a consciencia apparece progressivamente, como uma propriedade particular do systema nervoso que se não póde analisar por si mesma. A consciencia, deve apparecer como a vida, cujas phases de passagem mais rudimentares parece estarmos prestes a attingir.

O sr. Jankelevitch proclama, ao contrario, a discontinuidade absoluta dos diversos estadios da natureza, fundando-se em singulares argumentos:

«Considerando sómente o mundo organico, diz elle, devemos reconhecer que é simples enunciação de uma perspectiva do espirito admittir a transformação directa de uma especie em outra, uma metamorphose directa, em virtude da qual tal especie produzisse, em seu seio, uma especie nova, differente, assegurada, pelo menos em parte, de ser, em dado momento, o que elle fôra no instante precedente. Achamo-nos deante de especies já descontinuas e, si pudessemos, entre duas especies, collocar uma infinidade de estados intermediarios com o fim

de preencher, tanto quanto possível, a lacuna que os separa, jámais chegaríamos a provar outra coisa, além da existência de uma filiação gradual das especies, uma successão cujos intervallos pôdem ser imaginados infinitesimales, nunca se achando reduzidos a zéro.

As especies paleontológicas permanecem, evidentemente, diferentes, mas os creadores já vêem as raças evoluirem, e de Vries verificou mutações cuja importancia não deveria escapar ao dr. Jankelevitch. Que é, além disso, uma successão cujos intervallos pôdem ser imaginados o mais infinitesimales possível, sinão a continuidade, de que elle é a definição mathematica ?

Dessa maneira, nada mais seria continuo nem o tempo, nem mesmo o movimento que é, em summa, o unico exemplo de continuidade real. Entre duas posições de um movel, pôdem-se multiplicar as posições : não se conseguirá jámais supprimir qualquer intervallo.

Apezar das objecções do dr. Jankelevitch, a continuidade permanecerá um principio explicativo muito fecundo para o complexo dos phenomenos naturaes e para ligar o mundo inorganico ao mundo social.

PAGINAS ESQUECIDAS

A CAÇADA

Não ha *leões* assanhados
nas frêscas margens do Douro ;
não ! por mal dos meus peccados
leões no Porto não ha !
São dos *leões* o desdouro
estes janotas de cá...
São *bichos* domesticados
que a natura, em seus caprichos,
deixa andar tão disfarçados
que alguns... nem parecem *bichos* !
Não ha *leões*... mas ha *patos*
de mil diversos feitios,
guarda-livros, litteratos,
barões, medicos, vadios ;
sujeitos que a sociedade
recebe com muita festa
e a quem, por toda a cidade,
ninguem dois pintos empresta !
Corações... de frioleiras !
Cabeças... de figurino !
pessôas cujo destino
(se acaso destino têm)
é conversar co'as luveiras,
ou seguir as costureiras
da *Guichard* e das *Ferin* !
Almas balôfas e fatuas
que só nas modas têm fé...
de dia, tezas estatuas
junto á porta da *Moré*...
de noite, herões da *má-língua*,
em chochas semsaborias

gastando as horas, á mingoa
de sal que a « palestra » adube,
depois de um chá sem fatias,
nas longas salas do *Club*...

O janota é massador ;
a tudo entorta os narizes ;
rei vaidoso das platêias,
tyranno do bastidor,
sabe apenas das actrizes
se são bonitas ou feias...
e só pensa na conquista
d'uma empoada corista
para quem o seu amor
apenas tem o valor
d'uma nota... paga á vista.
Nem outra coisa lhe agrada,
nem ouve o que lhe revela
do coração nos conselhos
uma voz... já constipada !
tem um amor — a farpella !
tem um encanto — os espelhos !
uma família — o cavallo
se tem cavallo de casa !
e por bens, para adoral-o
cá das lagrimas no val,
as Lucrecias de dedal
a quem elle arrasta a aza !

.....
Vestir calças tão esguias !
as vossas pernas selectas
mettidas n'essas enguias
não são pernas, são baquetas !
Trajar tão curto *veston*
que faz sorrir as jaquetas,
e dizer que andaes vestidos
como vos manda o *bom tom* !
por isso estão arruinadas
as fabricas de tecidos :
Em vez daquelle *tromblon*
das vossas éras passadas
que no bojo immenso e vão
levava algumas canadas,
pôr na cabeça um casquilho
chapéu de duas pollegadas,
d'abinhas arrebitadas
e que mal leva... nm quartilho
Que moda tão indecente !
Ó exquisitas figuras !
e mostraes vaidosamente
as vossas caricaturas ? !
.....
Para dar curso ao valor
herdado de seus avós,
estando a banhos na Foz
o janota é caçador !
Com sobrehumana ousadia
depois de ter feito *lastro*
co'as iguarias do almoço,
deixa o leito ao meio dia ;
prende uma fita de nastro
dos magros cães ao pescoço ;
implora ao anjo da guarda
que o leve por bom caminho ;
como quem veste uma farda
para entrar n'uma batalha,
eil-o enfia o polvorinho
e a triste bolsa de malha ;
com sublime desassombro
toma nas mãos a-espingarda
e, pondo a espingarda ao hombro,
sae de casa, sem abalos,

co'as apparencias augustas
d'um caçador que tem callos
e que traz as botas justas
.....
Linda usaes de botas d'essas !...
nem que os pés fossem borracha !...
Emblemas d'um despotismo
que se chama o janotismo !
Debalde a fôrma e a tarracha
se fatigam nas tripeças !
Manquejar, bem sei que é feio,
mas que remedio, janotas ?
se tem dois palmos de botas
e os pés... dois palmos e meio ?

GUILHERME BRAGA,

Desse poeta escreveu uma vez Camillo
Castello Branco :

«Muito talento, aptidão para distincções raras, uma estrella funesta a influir-lhe o espirito para veredas onde é inevitavel o encontro com a desgraça. Homens assim suicidam-se ou morrem de cançados na lucta, peito a peito, com a Fatalidade, sua ultima e absurda crença na desesperança de Deus e do diabo. Eu vi-o n'estas batalhas medonhas, com um sorriso desdenhoso que elle tinha n'aquelle gentilissimo semblante, já arroxeadado pelo sol-poente da vida. A sua phantasia era rica e formosa como as espádoas de uma princeza oriental constellada de diamantes e rubis ; mas, na existencia real, as suas mãos remexiam os esterquilinios sociaes, e com ellas atirava sobre si e sobre os outros, o lixo, as escorias que Barbés recommenda como necessarias á vingança do talento infeliz.

Nas HERAS E VIOLETAS está a sua alma com intercadentes desmaios e entusiasmos. Alli vem a lyra dos seus amores ; lampeja-lhe a espaços a luz da mulher linda e amada, que foi sua esposa, e com intervallo de dias o seguiu ao sepulchro mysterioso. No BISPO e nos APOSTOLOS DO MAL, resumbrá a alma cheia de peçonha que se lhe instillou das mancenilhas a cuja sombra elle se repousava indolente no periodo da vida em que a mocidade tem pulso de ferro para remessar-se á desgraça ! Cuidava que o desprezo da adversidade era heroismo e condão do genio, e o atheismo vingança. Uns que cuidam vingar-se da injustica de Deus, confessam-no. Desconfessal-o é não o vêr na justiça nem na injustiça.

Não posso lembrar-me d'elle sem muita pena. Custa a conciliar a sua

tristeza com o disfarce d'estas alegrias do MAL DA DELFINA, parodia ao conhecido poema de outro grande poeta que elle admirava. Ahi mesmo ha relampagos de odio á sociedade que se balanceia como ondas lodosas de um lago estanque entre a portamór e o Club. Guilherme Braga cuidava que o liam os janotas do Porto. Elles não sabiam, quando lhe leram a necrologia, se aquelle nome era o de um linheiro das Hortas ou de um mercieiro das Congostas. Quem quizer magoar janotas do Porto, só tem um meio : é preciso bater-lhes.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

**

Os nossos leitores, que certamente lerão as seguintes linhas do sr. Ramalho, applicadas ao *al cuento*, sem o nosso commentario. Basta que conheçam a extensão do anno lectivo nas nossas escolas superiores, em geral.

OS FERIADOS. REDUCCÃO DO ANNO
ESCHOLAR A ONZE DIAS

Começaram este mez as férias grandes nos lyceus, nas escholas superiores e na Universidade de Coimbra.

As férias grandes em Portugal principiam em junho e terminam no principio de outubro. Quatro mezes.

Accrescentemos a esse tempo um mez, prazo das férias do Natal e da Paschoa.

Restam sete mezes de trabalho escholar, ou duzentos e dez dias.

Dos referidos duzentos e dez dias importa deduzir os dias seguintes :

Trinta e quatro domingos,

Trinta e quatro quintas-feiras,

Quatro feriados pelo entrudo,

Quatro feriados por outros motivos.

Somna total, passando por alto todos os dias santos : Setenta e seis dias de sueto.

Abatidos os quaes dias, setenta e seis, dos duzentos e dez dias de que consta o anno lectivo, resultam cento e trinta e quatro dias uteis.

Sendo o tempo das aulas em cada dia uma hora, achamos no anno cento e trinta e quatro horas de aula.

Computando-se agóra o trabalho de um homem de estudo em doze horas por dia (Arago só trabalhava apenas doze horas nos seus dias de descanso), vemos que os trabalhos lectivos nos lyceus, nas escholas superiores e na Universidade se reduzem a

Onze dias por anno !

É claro pois que um homem de boa vontade que durante cinco mezes se encerre a aprender no interior do seu gabinete, deve necessariamente saber muito mais ao cabo desse tempo do que qualquer alumno das nossas escholas superiores, ao fim dos cinco annos de um curso. E isto por uma razão muito simples em favor do estudante livre : é que elle teria tido tres vezes mais tempo de ensino em cinco mezes do que nas escholas publicas em cinco annos.

Dentro de um anno de estudo livre devidamente aproveitado, prova-se arithmeticamente, que poderia qualquer individuo seguir todos os cursos de todas as faculdades como ellas se ensinam na Universidade e merecer ao fim desse anno o grau de bacharel em todas ellas — direito, medicina, theologia, philosophia e mathematica.

Nas escholas publicas o alumno que segue um curso tem, desde os quinze até os vinte annos de idade, cincoenta e cinco dias de licções a doze horas de licção por dia.

Cincoenta e cinco dias . . em cinco annos.

As férias grandes são o unico remedio dado pelo Estado a esta calamidade verdadeiramente pavorosa.

Graças ás férias grandes, ha quatro mezes inteiramente livres em que os alumnos se recolhem a suas casas, sendo por alguns aproveitado então esse beneficio do tempo . . em aprender.

Bem haja o Estado, e abençoadas sejam as férias !

RAMALHO ORTIGÃO.

**

A MAIS FELIZ DAS TRES

Na Via-Lactea, entre estrellas balbuciantes, á hora em que os astros despertam, encontram-se, por acaso, tres almas purissimas de virgens.

Saudaram-se e travaram conversa.

— Eu fui princeza — disse uma.

Sobre o mausoléo, onde deixaram meu corpo, ha um cyprestal de prata, e um archanjo de marmore guarda severamente os meus despojos.

Tenho saudades dos lyrios de meu jardim.

— Eu fui monja — disse outra — Sobre o tumulo, onde ficou a carne em que morei, ohovem os psalmos das

religiosas e as flôres dos que vão correr o claustro.

Tenho saudades do *Angelus* saudoso, quando brincam e se recolhem as andorinhas mansas.

E a terceira disse :

— Eu fui pastora. Meu corpo está no humilde cemiterio da aldeia.

Guarda-o meu noivo e, quando não ha flôres nos galhos, desfolha o coração e espalha sobre a minha cóva as petalas do pranto. Tenho saudades do meu noivo.

Uma estrella cadente, que fugia, ouvindo a conversa das almas immaculadas, perguntou a outra estrella, que surgia da treva :

— Qual a mais feliz das tres, irmã radiante ?

— A noiva, porque foi amada — respondeu a estrella que surgira.

COELHO NETTO.

Fragmentos de estudo da historia
da Assembléa Constituinte
do Brazil

XXX

Apenas Silva Lisbôa se levantou para responder aos oradores que combateram as suas opiniões ácerca da liberdade religiosa, a Camara ficou attenta e silenciosa. No recinto, os deputados; nas galerias, os espectadores contemplavam respeitosamente essa figura, em cuja fronte reluzia duplo laurél: da velhice e da sciencia. Homem inteiramente do passado, professando idéas contrarias ás aspirações do presente, assim mesmo o deputado bahiano exercia irrecusavel influxo sobre os animos dos que o escutavam. Todos lhe attribuiam grande sciencia, como jurisconsulto, e veneravam nelle uma reliquia das gerações quasi extinctas.

O orador começou, observando que lhe seria impossivel responder a um por um dos preopinantes que o precederam, assim que procuraria limitar-se a cumprir o seu dever do modo que lhe fôsse possivel.

«Seja-me licito, diz elle, repetir com o escriptor do *Espirito das Leis*—de-sejava passar em rio doce ; sinto-me arrebatado da corrente». Si se tratasse de fazer Constituição para um Estado de anjos e ainda de philosophos (o que é chimera), não havendo então perigo de abuso, talvez pudesse passar sem inconveniente o paragrapho controverso ; mas o caso é muito diverso.

«Impugnei o paragrapho em questão por me parecer a iniciativa da liber-

dade religiosa não só desnecessaria, mas também inconsequente e perigosa á religião catholica e á estabilidade do Imperio.

«E' desnecessaria tal regra; porque a liberdade religiosa, que se declara como direito individual do cidadão brasileiro, ainda com as explicações e modificações propostas, não tem sido demandada pela nação e nem ainda inculcada nos escriptos publicos, os quaes até agora se teem restringido a declarar o voto patriótico para a reforma dos abusos do governo arbitrario, que, antes da nova ordem de coisas, não dava a devida segurança ás pessoas e propriedades, nem o competente e parcial accesso aos empregos e honras do Estado; mostrando-se, ao contrario, o povo satisfeito, quanto á conservação da religião catholica, como a unica religião do Estado a respeito dos naturaes do paiz; só não contradizendo a tolerancia politica sobre a religião dos estrangeiros, que, de facto e até por tratados, já se acha estabelecida. Portanto, expuz os meus sentimentos, declarando que a concessão do projecto era feita com excesso de poderes dos nossos constituintes, que teem jurado a guarda da religião catholica; dizendo em consequencia que, si fôsse sancionada a liberdade religiosa, ainda só nos termos do art. 14 se fazia (o que não espero), *sancção do perjurio e da apostasia*.

Em verdade, não havendo nem expressão nem presumido mandato da nação, nem ainda instrucções das Camaras sobre o assumpto e reconhecendo-se no projecto ser a religião catholica a religião por *excellencia*, é sobremaneira estranho o facultar-se ao nosso povo tão religioso e orthodoxo o que elle nunca adoptou nem quer, dando-se-lhe a expectativa e licença de espectaculos de religiões heterodoxas entre os naturaes do paiz, que por extravagancia se lembrarem de apostatar da religião de seus paes e crear a seus filhos fóra do gremio do catholicismo.

Ainda que tal faculdade fôsse (o que nego) conforme ás luzes do seculo e de real beneficio ao povo, todavia não sendo esta a sua conhecida vontade, não conviria declarar-se a franqueza da regra; cumprindo a todo prudente legislador, segundo aconselham os publicistas mais sabios, seguir a maxima de Platão e Solon—que não se deve fazer ao povo *bem á força*: e por isso quando este sabio formou legislação para a Republica de Athenas, deu a satisfação de que *não tinha feito as melhores leis, mas só aquellas que o povo podia supportar*.

E' inconsequente a regra proposta. Si é de direito individual do cidadão a liberdade religiosa, é de manifesta-

inconsequencia limital-a ás communhões christãs e não estendel-as, para todos os fins e efeitos, também á religião judaica e á mahometana. Quanto á religião judaica, bem se poderia allegar a defeza, ou excuza do escriptor do *Espirito das Leis* no seu memorial, que figura dos judeus aos inquisidores: visto que, sendo Deus imutavel, parecia não haver erro mais perdoavel do que o de guardarem as leis de Moysés na persuasão de que Deus ainda ama a religião que elle mesmo revelou e mandou observar.

Quanto á religião mahometana, se poderia allegar (segundo dizem os musulmanos) que só elles são os verdadeiros crentes e os puramente fieis; visto que no seu Alcorão se declara que *não ha Deus sinão Deus* e que Jesus Christo foi um dos prophetas mandado por Deus, ainda que (segundo pensam) Mahomet foi maior propheta, etc., condemnando por isso toda idolatria.

Admittindo o principio vago dos redactores do projecto, não se vê razão porque também não se estenda a liberdade religiosa aos *Deistas*, que só acham verdadeira a religião natural; e tão categoricamente se declare no art. 15 que, fóra das communhões christãs, todas as mais religiões são apenas *toleradas*. Finalmente, a regra é perigosa, não só á segurança da religião catholica, mas também á estabilidade do Imperio.

«Supponha-se (o que Deus não permita), o caso forte, talvez extremo e inverosimil, mas não impossivel, que o nosso Imperador ou algum de sua dynastia, teutasse apostatar da religião catholica e seguir, por exemplo, a religião anglicana: não se lhe poderia negar o inculcado direito individual da liberdade religiosa. Supponha-se que não fazia a menor especie de força aos cidadãos do Imperio nem ainda procurasse, com os seus ou alheios escriptos, influir nas opiniões e fazer proselytos. Que resultaria da força do exemplo? Sendo o chefe do Poder Executivo a fonte das honras e o dispenseiro dos empregos, por lisonja e interesse logo em breve haveria geral moda e hypocrisia, de só se achar verdade na religião do principe e se fazia completa revolução no Estado, ficando em risco a religião catholica, segundo aconteceu em Inglaterra com a apostasia do rei Henrique VIII. Toda historia das nações depõe em prova deste resultado: e já bem o disse o celebre poeta Claudiano, no tempo do imperador Theodosio, o grande: *«Regis ad exemplum totus componitur orbis»*. O perigo da estabilidade do Imperio é não menos evidente.»

Silva Lisbôa, havendo assentado este ponto de partida, discursou larga-

mente a respeito da liberdade religiosa, esmerilhando todos os inconvenientes e males que derramaria desde as altas até ás ultimas camadas da sociedade. Fez ponderações no tocante ao descontentamento do povo, que reputa a religião catholica a sua maior propriedade, de que o priva o artigo do projecto; vendo a heterodoxia devassa e corrente nos cidadãos e até nos seus proprios filhos e os presumidos de sabios declamando e tramando contra o Governo, allegando, com apparencias de razão, a tyrannia de se forçarem as consciencias, não permittindo, apenas tolerando as religiões fóra das communhões christãs. Silva Lisbôa recorda as scenas da Revolução Franceza, os horrores praticados pelos sophistas e atheus. No exame que fez das causas de tantos males, apontou entre ellas a tolerancia, que elle combate com vehemencia. Silva Lisbôa, no ardor de sua opposição ao artigo do projecto que os oradores precedentes procuraram defender, pede á Camara que não olvide o entronizamento da Deusa da Razão, do reinado e despotismo da Liberdade—profanando os templos com horrida idolatria, até que o atheismo triumphante os destruiu.

«Persuado-me, diz Silva Lisbôa, que todos de timorata consciencia, fieis ao seu juramento e convencidos de ser a religião catholica, a religião *verdadeira por excellencia*, vendo que ella poz o pé firme na America desde o Mexico até o cabo Horne, e que, sob o seu abrigo, cresceram tantos Estados, não acharão razoavel que, com a relaxação proposta, e não pedida, se ponha em risco de se perder a Igreja do Occidente, como já quasi se extinguiu a do Oriente.»

Silva Lisbôa esforça-se em profligar o artigo referente á liberdade religiosa, com uma série de argumentos e considerações. Lembra que, quando o ministro Pitt propoz ao rei Jorge III a emancipação dos catholicos de Irlanda, o soberanno inglez recuzou pela razão unica de que na sua coroação havia jurado manter a religião anglicana.

Silva Lisbôa procura attraír a si os espiritos crentes na santidade do juramento, que temem violar e profanar, exaggera o valor do juramento que o povo brasileiro proferiu e que, como o rei Jorge III, deve manter inviolavel, intacto.

Diz ainda Silva Lisbôa: «Ninguem jámais negou os fóros dessa liberdade que se limita aos *actos internos*; mas o § em questão evidentemente se refere aos *actos externos* de corpo, de doutrina e culto publico, como se declara nos §§ 14 e 15. Tudo limita-se quando o exige o interesse do Estado. Fallou-se muito sobre demonstrações

de verdade e garantias de direito *á priori*. Eu, no meu humilde entender, penso que, com politica, só valem argumentos *á posteriori*, pelos *effeitos experimentados*.

Reconheço que o espirito do christianismo é contrario á força e perseguição e que elle só requer a adoração de Deus em espirito e verdade, sendo a pureza da crença méra obra da graça divina.»

Silva Lisbôa passa a dissertar sobre as palavras do Salvador dos homens: «Ninguém pôde vir a Mim sem que o Pae, que me mandou, o attráia. Mas, diz o orador, em governo humano, uma vez que se está certo da religião, nenhuma auctoridade pôde conceder aos proprios subditos a liberdade religiosa nos actos externos, permittindo a indiferença ou opposição a essa religião.»

Silva Lisbôa applica ao Imperio do Brazil a parábola do pae de familia agricultor, cuja seára se achou cheia e entrelaçada de sizania.

«Tudo, afirma Silva Lisbôa, quanto nesta Assembléa se tem allegado sobre a pratica de alguns governos liberaes relativamente á promiscua permissão e protecção de differentes religiões aos proprios subditos, só prova a necessidade e prudencia politica de taes governos pelas peculiares circumstancias dos respectivos Estados, onde existe grande numero de naturaes heterodoxos. Mas, no Brazil, como prudentes legisladores poderão, em bôa consciencia e sabedoria, facultar a introducção de estrepes e espinhos de doutrinas e cultos contrarios á de sua *por excellencia* religião catholica e cuja excellencia é tão reconhecida até por imparciaes heterodoxos?»

O orador abunda em outras observações sempre se oppondo ao artigo e combatendo a liberdade religiosa, que considera perigosa e funesta: «Os governos não pôdem nem devem, por isso, dar liberdade religiosa, pondo em perigo a ordem publica. Além disto, é impossivel ajuntar os entendimentos ainda mais que os relogios.

Não pôde entrar em justa duvida que a uniformidade duma religião dominante e a conformidade de todos os naturaes do Estado a ella concorrem muito para dar character á nação e estabilidade ao governo.»

Silva Lisbôa cita o exemplo da Austria, modelo da unidade religiosa, e diz que não se pôde fazer maior mal ao povo, do que dar-lhe por lei essa faculdade, que a maior parte ignora. Havendo largamente dissertado, o orador diz: «Concluirei com uma ponderação: si os ecclesiasticos, pretextando liberdade religiosa, disserem, como diziam os legisladores de França, não reconhecemos voto contra a natureza; e casarem, allegando o inauferevel direito das livres uniões conjugaes, que o direito romano chamava um dos direitos primitivos do cidadão —o *jus connubii*—afim de não viverem com hypocrisia, porventura o Governo teria tolerancia de tal licenciosidade? Não, não.»

Silva Lisbôa, como sempre, mostra-se doutrinario. Na sua palavra a eloquencia não tem explosões sentimentaes, nem fulgurantes surtos; a razão do jurista prepondera; a lição da experiencia esclarece. O orador prefere os exemplos ás theorias; a pratica ás concepções idéaes. Na tribuna parlamentar elle exerce o seu officio de conselheiro, que persuade ou dissuade as partes si tem ou não direito de intentar um pleito. Mas é uma das intelligencias mais cultas e vigorosas no meio das mediocridades da Constituinte.

A Silva Lisbôa succedeu na tribuna um ecclesiastico, representante pernambucano, que expendeu sobre o assumpto algumas considerações já feitas, repetindo que «estas materias deveriam ser tratadas em artigos regulamentares e não em uma proposição tão saliente, que poderá ir ferir de frente os prejuizos do povo.» Assim falou Henriques de Rezende, que, nestes debates, procurou mostrar louvavel e razoavel moderação. Sacerdote, não deveria transpôr os limites traçados pela Igreja; cidadão e patriota da revolução de 1817. tambem, não era dado não pugnar pelos direitos da liberdade politica.

O deputado Maciel da Costa (marquez de Queluz) proferiu um discurso cheio de considerações judiciosas. Continuando o debate, falaram Montesuma, Alvares da Silva, Almeida e Albuquerque e Francisco Carneiro, representante da Bahia, discorrendo amplamente sobre a materia. Pronun-

ciaram algumas palavras os deputados Faria Lobato e padre Dias.

O § 3º do art. 7 do projecto de Constituição, concernente á liberdade religiosa, foi discutido largamente e aprovado na sessão de 9 de outubro, e na de 10 os additamentos propostos fôram uns approvados e outros regeitados.

Continuando a discussão do mesmo projecto, trataram-se dos outros direitos individuaes do cidadão brasileiro, mas os debates não tiveram o mesmo interesse e importancia que os oradores mostraram na questão religiosa. Discutiram rapidamente os modos de perder os direitos de cidadão brasileiro; a liberdade de industria, a inviolabilidade da propriedade, a liberdade de imprensa. O deputado Calmon (marquez d'Abrantes) propoz a egualdade perante a lei, o acesso aos empregados publicos; Maia—o direito de petição; Henriques de Rezende—a inviolabilidade da casa. A sessão de 10 de outubro terminou com a discussão da licença pedida por José Bonifacio para tratar de sua saúde.

Este negocio que não tem nenhuma importancia, perdurou longo tempo indeciso, absorvendo o tempo e impedindo a discussão de outros assumptos de verdadeira utilidade publica, qual a organização dos governos provinciaes, que estava na ordem do dia. José Bonifacio não precisava de tal licença, segundo se vê do discurso de Antonio Carlos. Os Andradas, porém, amavam as scenas espectaculosas. Despedido do gabinete, o ex-ministro arrufado pedia licença, suppondo que a sua auzencia seria um grande prejuizo para a Camara, cujo mentor tinha a fatuidade de pretender ser! Elle era por demais nullo na tribuna, como já vimos nos mesquinhos discursos que proferiu. O politico, o orador, o estadista nelle não estavam em correspondencia com o sabio e afamado naturalista. Em verdade era jocoso e divertivo vêr a Camara hesitar em conceder a licença para não ficar privada do luzeiro de sua sciencia e da utilidade de suas medidas! Ora, isso era dito a respeito de um deputado que não orava nem discutia, nem apresentava projectos e muito menos sabia dar direcção politica á Assembléa. José Bonifacio era um sabio que não deveria nunca ter abandonado os seus labores scientificos pelas agitações da politica e do governo, em que elle, como homem d'Estado, ficou inferior ao homem de sciencia.

No seu espirito não ha uma idéa organisadora, um só pensamento elevado: tudo é rasteiro, pequeno, vulgar e imitado do que viu em Portugal. Compulsem o *Diario da Camara* e mostrem uma idéa formulada em projecto; apontem um discurso que mereça ser lido; indiquem um acto, quando ministro, digno de attenção. Em José Bonifacio a fama de sabio naturalista fez, no momento, a sua grandeza. A critica da posteridade não pôde, nem deve sancionar o juizo de seus contemporaneos, incompetentes para julgal-a, porque uns, fanaticos, proclamaram-no grande homem, sabio legislador, benemerito e patriota, estadista previdente. Por desgraça, tal previdencia não o salvou do golpe que teve a inepcia de preparar e do qual foi victima.

Outros, adversos, até pareciam negar-lhe o direito de figurar entre as celebridades do Brazil. Esta injustiça revela espirito demasiado taçanho.

Releva confessar que, naquella temporada, o Brazil, homens preparados, quanto mais notabilidades, não os possuia.

Os Andradas, sem duvida, e mais alguns, provavam ser superiores pela illustração, aos outros brazileiros, que não tinham sido do paiz, onde não se dava educação intellectual e litteraria.

Eram homens de seu tempo, com defeitos e meritos não vulgares.

Não os exaggero, nem os amesquinho; mas não posso alistar-me no numero dos fanaticos e entusiastas.

Julgo, todavia, que merecem nossa veneração, como dignos de elevar-se entre os primeiros benemeritos, porque trabalharam em pról da causa nacional.

EUNAPIO DEIRÓ.

Theoria organica das sociedades

No dominio das sciencias naturaes nunca houve theoria que revolucionasse o pensamento humano como a de Darwin sobre a origem das especies, sobre a evolução dos seres no planeta tellurico.

Antes d'elle, outros espiritos de *elite* haviam presentido a connexão intima existente entre os multiplos phenomenos objectivos e subjectivos da vida

universal; na antiguidade, a philosophia grega como que adivinhava a unidade de todos os corpos organicos e anorganicos; Lucrecio, no estupendo poema *De Natura Rerum*, falava em termos claros da adhesão da materia viva e da materia aparentemente sem vida; e, já nos tempos modernos, Lamarck, ampliando a concepção genealogica, affirmára que todas as especies vegetaes e animaes teem a sua origem num só typo ancestral.

Mas foi o glorioso sabio quem, num surto de nobre ousadia, aprofundou o assumpto, ampliando-o, comparando a selecção artificial á natural, induzindo e deduzindo, estudando os organismos cultivados e os em estado primitivo, até chegar á culminancia do seu systema, que ficou sendo a culminancia da biologia.

Assim como Lyell esclareceu o pensamento humuno demonstrando a evolução da Terra, assim tambem Darwin, noutro departamento da sciencia, demonstrou o encadeamento logico, o parentesco entre o homem e os outros mamíferos, ficando definitivamente indicada a nossa posição no seio da natureza. Deve-se ao pensador inglez a methodisação do que, nesse particular, andava, desde remotas éras, nos espiritos investigadores.

Aqui e alli, surgiam idéas sobre o assumpto, pensamentos diluidos pelos attrictos das religiões e pela ironia metaphysica de espiritos livres, até que, depois da tremenda phase social marcada na historia pelo seculo XVIII, depois dos sarcasmos pungentes de Voltaire e do materialismo de d'Alembert, surgiu Darwin, completamente aparelhado pela immensa elaboração dos seculos, e, após longos annos de estudo, lançou as bases, que ficaram sendo definitivas, da theoria da evolução organica.

Elle é o precursor da maioria dessa legião de pensadores que, no actual momento philosophico, constróe, sobre alicerces fundos, sobre dados positivos e irrefragaveis, o edificio social futuro.

Hæckel, Spencer, de Greef, Ihering, Doreste, todos os que, sem serem positivistas no sentido rigoroso da palavra, orientaram o pensamento pelo prisma do real, ahí estão para attestar a influencia do auctor da *Origem das*

especies nas multiplas manifestações da intellectualidade moderna.

O associanismo realista de Spencer encontra o seu fundamento no darwinismo.

Os factores internos e externos da evolução, determinando o equilibrio directo e indirecto da vida, a adaptação e a hereditariedade, — eis a grande lei. Nada surge sem filiação e sem causa. Os phenomenos do Universo pôdem ser reduzidos a um só; as fórmulas da materia, por mais variadas que pareçam, devem ser encarradas e estudadas sobre um unico aspecto, porque, na phrase de Tobias Barreto, toda pluralidade quer resolver-se em unidade. A homologia animal, partindo das infimas especies da natureza, evoluindo lentamente através o tempo e o espaço, dentro das leis da estatica e da dynamica, demonstram claramente a coexistencia dos seres vivos, máu grado os desvios accidentaes do plano commum.

E, accetando o Universo como um todo do qual não é possivel tirar-se um atomo, é claro que os mais variados phenomenos do Planeta estão ligados entre si na mais absoluta e eterna cohesão. Neste sentido, quem melhor comprehendeu o sabio inglez foi Hæckel, cuja obra principal — *A historia da Creação*, é um desdobramento lucido da concepção darwiniana.

Estudando a materia nos mais simples elementos, elle, por sua vez, proclamou o *monismo*, desenvolvendo, até ás ultimas consequencias, a doutrina da unidade, do parentesco, por assim dizer, dos corpos sem vida com as forças vivas da criação.

Não é meu intuito expôr os fundamentos da theoria de Hæckel. Os positivistas e os catholicos regeitam-na, sendo que os primeiros se bazeam na razão de ser ella mais uma hypothese. Os comtistas, naturalmente, relegam-na para o dominio da metaphysica; e os ultimos, representantes misoneistas das classes conservadoras, proclamam-na heretica e absurda, appellando para as faculdades egoisticas do homem, que teima em affirmar a sua origem divina.

Mas a verdade é que em tudo, na religião como na philosophia, ha sempre um ponto de interrogação, um gesto doloroso da pobre alma hu-

mana, talhada para a duvida e para a incessante tortura da perfeição, que nunca se alcança, do absoluto, que eternamente nos ha de fugir como uma sombra ou como uma miragem.

E' o mechanicamente inexplicavel de Kant e o incognoscivel de Spencer. Hypotheses são todas as afirmações que estão fóra dos conhecimentos adquiridos, e si para a fé religiosa não existem hypotheses, porque ella não discute os dogmas do seu credo, força é confessar que, sem ellas, a sciencia já jamais progridiria: o que hoje é pensamento amanhã tornar-se-á acção. A hypothese de Hæckel é das mais profundas e meditadas. Como é sabido, elle estabeleceu duas especies de ancestraes para o homem: invertebrados e vertebrados. Isso não prejudica o plano de unidade de sua obra, pois as duas especies são élos dessa maravilhosa cadeia que, no pensar do genial teutonico, principia na *monéra*, substancia amorpha, combinação simples do carbono, acido carbono, hydrogenio e azoto, e termina no homem, synthese estupenda de todas as forças da terra creadora.

Estudando a evolução paleontologica dos organismos, servindo-se da embryologia, da comparação morphica dos diversos animaes, elle, mais uma vez, salientou a lei fundamental do darwinismo: o desenvolvimento embryonario do individuo (*ontogenese*), recapitula a evolução da especie (*phylogenese*). E, de inducção em inducção, através os innumerados recursos do methodo comparativo, estabeleceu a conexão etiologica entre os sêres inferiores e os superiores, concluindo que — a embryologia resume a genealogia.

E'ahi está, em quatro palavras, a explicação mechanica dos phenomenos da vida.

E' uma hypothese, dirão. Mas si o nosso espirito regeita ou fica indeciso deante das primeiras theses da doutrina; si não accêita as origens taes como fóram verificadas pelo sabio teutonico, é certo, comtudo, que o pensador não escreveu na arêa, como vulgarmente se diz. Quem é que não fica admirado da semelhança que o homem, na vida uterina, apresenta em relação aos peixes, aos amphibios, aos reptis e aos mammiferos?

Sobretudo, abandonando outras fórmulas anatomicas, não é para admirar que a vertebra seja, desde remotas éras, como que o traço caracteristico da estrutura de innumeradas especies, inclusive o homem?

Na ordem moral, quem ignora a série de emoções, — a alegria, o sofrimento, o odio, o amor — que constitúe a *psychologia animal*, fazendo-a tão semelhante á nossa, apezar da nossa vaidade e do nosso orgulho?

Algumas das chamadas creações irreductiveis da humanidade não o serão, porventura, tambem dos animaes, que teem a sua industria, como o castor, a sua organização social, como as abelhas, e até a sua religião, como o elephante, que enterra os seus mortos, e o boi, que chora sobre os restos dos companheiros victimados pelas necessidades humanas?

Não cabe aqui a explanação desse assumpto, sobre o qual os transformistas já não discutem: o meu fito agóra é traçar algumas linhas sobre a influencia das idéas darwinisticas no dominio da sociologia, e o tentarei fazer no proximo num. dos *Annaes*.

Estamos bem longe dos velhos tempos em que os bonzos se reuniam, não para discutir questões de anatomia e physiologia comparada, mas para resolver si a mulher tinha alma, gravissimo problema realmente difficil de elucidar...

HENRIQUE CASTRICIANO.

ARMADA NACIONAL

O nosso presado amigo e collaborador, que tanto honrou as columnas dos *Annaes*, fazendo a mais completa critica da nossa Marinha, a mais consideravel, até hoje, pela franqueza e pela competencia com que a traçou, Tonelero dirigiu-nos a seguinte carta, que, mesmo temporariamente, muito nos magôa:

«MEU CARO SR. WALFRIDO RIBEIRO. — Respondo á sua amavel carta auctorizando-o a declarar que dou por finda a minha laboriosa tarefa, iniciada no num 39, anno II, da revista que você secretaria ao lado de um homem como o sr. dr. Domingos Olympio. Finda, pelo menos, em relação á primeira série, que a segunda póde vir depois si o meu estado de saúde, constantemente alterado, me dêr forças para atacar, com a mesma serena e inflexivel verdade, os factos que a nossa marinha de guerra fôr ocasionando.

Os meus artigos não despertaram, pelo menos na imprensa diaria, a curiosidade com que se podia contar o principio. Digo a *principio* porque logo que, na minha analyse, cheguei á Armada actual, eu facilmente previra que, de proposito, se evitaria, a respeito delles, o que talvez se possa chamar a critica da grande publicidade: discutil-os, assim, tão largamente, seria dar-lhes uma divulgação porventura muito excessiva considerando-se as durissimas verdades que elles encerravam.

Apenas, pelos *A pedidos* do *Jornal*, appareceram alguns ataques, pequeninos, lamentaveis. Ataques não ao meu estudo, mas, sim, á personalidade de um supposto auctor. Fiel ao meu programma, não lhes dei a minima resposta. Si escolhi um pseudonymo, foi naturalmente porque me não queria dar a conhecer. E si fôsse militar, como tanto quiz que eu o fôsse o tal escrivinhador de tolices, seria ingenuidade acreditar que eu abandonasse o pseudonymo.

Sabe-se, porém, meu caro amigo, que na Marinha os artigos cauzaram um effeito formidavel, e é de ver o numero dos suppostos auctores de que naquelle meio ainda se fala. A principio, era o almirante ***, despeitado contra o ministro que desprezava a sua opinião; depois, foi o tenente ***, despeitado tambem por contrariedades soffridas e por se ver não desattendido, numa representação, como até submettido a conselho de guerra em virtude dessa mesnia representação; mais tarde, como os artigos falaram de alguns officiaes promovidos com preterição de outros, attribuiu-se a um destes outros, despeitado ainda, a auctoridade dos escriptos; ainda se falou de dois officiaes superiores, despeitados, esses tambem, já com preterições soffridas, já com conselhos a que fóram submettidos. No arsenal dizia-se: «veja que menino insolente e insubordinado: offender tantos officiaes velhos e carregados de serviços»; a bordo commentava-se: «são do almirante, despeitado por ver os Noronhas salvarem a Marinha»; parece até que, suspeitado de ser Tonelero, um capitão de fragata foi transferido para commissão legalmente igual á que elle exercia, mas de facto inferior pelos proventos, sendo substituido por um collega mais moderno.

Agóra note você que só se attribuem os artigos ao despeito. Censura-se por despeito: não serão comprados os elogios? E' de suppôr. E note ainda que agóra que o sol já declina, os elogios rareiam.

Santa Maria Magdalena, 10 de agosto de 1906.

TONELERO.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Parece que este torneio não começará ainda no fim do mez. Será *à but*. Si os jogadores não excederem de 15, far-se-ão dois turnos: si fôrem em numero maior, serão divididos em duas classes. Uma jogará com a outra, a exemplo do que se faz actualmente em Ostende, e serão eliminados os que chegarem em ultimo lugar; os que ficarem decidirão entre si em dois turnos.

E' quanto podemos adeantar por ora.

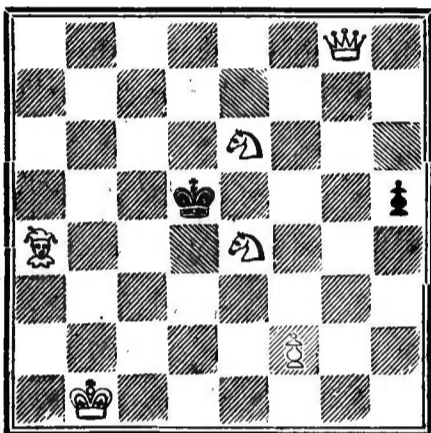
O torneio se limita aos socios do Club dos Diarios.

**

PROBLEMA N. 60

Konrad Ertin

PRETAS (2)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances

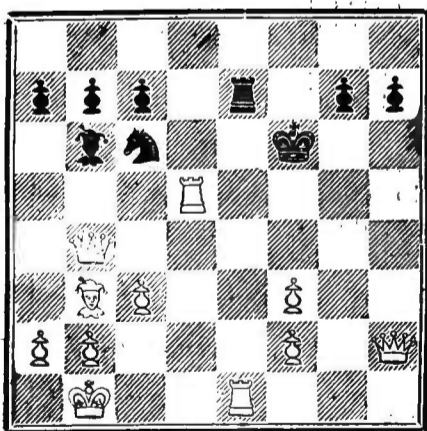
**

FINAL DE PARTIDA

(Branças) (Pretas)

(Dr. C. Vianna) (Ferreira)

PRETAS



BRANCAS

As Brancas jogam e dão mate em 4, 5, ou 6 lances

A partida, de que publicamos este bello final, foi jogada no dia 6 do corrente no Club dos Diarios. O jogador das Pretas, um amator muito forte, havia feito o seu lance C (4 R) 3 B D, ao que o dr. Caldas Vianna respondeu com o lance de problema T 6 R x!

Eis as variantes principaes:

T 6 R x!! — 1 — T x T (a, b)
 D 8 B x — 2 — R 3 C
 D 5 B x — 3 — R 3 T
 D 5 C mate — 4 —

(a)

— 1 — R x T
 T 6 D x. d. — 2 — R 4 B
 D 4 C R x — 3 — R 4 R
 D 4 R x — 4 — R x T
 D 5 D mate — 5 —

(b)

— 1 — R 2 B
 T x T x — 2 — C x T
 T 5 R x. d. — 3 — R 3 C
 D 4 C x — 4 — R joga
 D mate — 5 —

Si:

— 3 — R 3 B
 D x C x — 4 — R 3 C
 D 5 C mate — 5 —

Si:

— 3 — C 4 D
 D 7 R x — 4 — R 3 C
 B 2 B x — 5 — R 3 T
 D 5 C mate — 6 —

**

PARTIDA N. 66

(Jogada no torneio de Ostende, a 6 de junho de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Branças

Pretas

(Schlechter) (Teichmann)

P 4 D — 1 — P 4 D
 P 4 B D — 2 — P 3 R
 C 3 B D — 3 — C 3 B R
 B 5 C R — 4 — B 2 R
 P 3 R — 5 — C D 2 D
 C 3 B R — 6 — Roque
 D 2 B D — 7 — P 3 C D
 P x P — 8 — P x P
 B 3 D — 9 — B 2 C D
 T 1 D (a) — 10 — P 3 T D
 Roque — 11 — T 1 R
 C 5 R — 12 — C 1 B R
 P 4 B R — 13 — P 4 B D
 D 2 R — 14 — P 5 B D
 B 2 B D — 15 — P 4 C D
 T 3 B R — 16 — C 5 R
 B x B — 17 — T x B
 B x C — 18 — P x B
 T 3 C R — 19 — P 3 B R
 C 4 C R — 20 — R 1 T
 T 1 B R — 21 — D 2 D
 D 2 B D — 22 — P 5 C D
 C 4 T D (b) — 23 — D 4 C D (c)
 C 5 B D — 24 — B 4 D
 P 5 B R — 25 — C 2 D
 C x C — 26 — D x C
 D 2 B R — 27 — T 1 B D (d)
 P 4 P R — 28 — D 3 D
 T 3 T R — 29 — P 6 B D
 P 3 C D — 30 — P 4 T D
 C 2 T R — 31 — P 5 T D
 D 2 B D — 32 — P x P
 P x P — 33 — D 3 T D
 abandonam (e) — 34 —

(a) Variante moderna frequentemente adoptada, e que começa por 7 — D 2 B D; o fim é prevenir C 5 R.

(b) Schlechter queria collocar o C a 5 B D, mas não é possível mantel-o nessa casa favoravel. Elle deveria tel-o retirado a 2 R, seguido de P 5 B R e C 4 B R, segundo a linha de jogo de Pillsbury contra o dr. Tarrash, em Hastings, 1895, partida com que essa muito se parece.

(c) A habil manobra desse lance e do seguinte, provavelmente não foi prevista pelas Brancas.

(d) E' evidente que as Pretas teem o caminho livre, todas as peças brancas achando-se reunidas sem acção do lado do rei.

(e) A dupla ameaça D 6 D e D 6 T D não pôde ser evitada.

(Notas de Hoffer.)

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 59 (Dr. A. W. Galitzky): 1 — C 7 B R, R x P B D (a, b); 2 — D 3 C D, R 5 D; 3 — D 4 C mate.

(a) 1... R x P R; 2 — D 5 R mate.

(b) 1... R 5 B, D 3 T D; 2 — R 4 C, C 6 D mate.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

O sr. Emiliano Pernetta, cujo nome figura na primeira fila dos escriptores que honram actualmente o Paraná, deu-nos o prazer de sua collaboração neste numero com o soneto *Salomão*, que publicamos em seguida. E' uma composição fina e exquisita, de accentuada personalidade, justamente nas linhas que caracterizam o bello talento do poeta, ora em visita ao Rio de Janeiro. O sr. Emiliano Pernetta colheu essa composição, com que nos quiz obsequiar, numa collectanea sua a apparecer proximamente, sob o titulo de *Illusão*, e que promette ser um livro de vivo successo entre os nossos intellectuaes.

SALOMÃO

Tudo o meu coração tem do rei Salomão,
 A gloria, e o furor, o orgulho e a crueldade;
 Não ambiciona dez, nem cem, nem um milhão,
 Mas a terra, e o mar, o céu, e a infinidade...
 Em tudo se parece, em tudo é seu irmão,
 O mesmo luxo até, a mesma vaidade,
 O mesmo fausto ideal, como azas de pavão,
 E esse requinte, emfim essa ferocidade...
 Quando soará, porém, a hora maravilhosa,
 Em que do alto de uma torre côr de rosa,
 Novo rei Salomão, elle, um dia verá,
 Entre poeira e sol, ao longe, a caravana,
 Onde em meio dum régio esplendor que se ufana,
 Fulge o diadema da rainha de Sabá?

EMILIANO PERNETTA.
 1906.